

# A desinformação sob a ótica dos Estudos Críticos do Discurso

*Disinformation from the Perspective of Critical Discourse Studies*

*La desinformación desde la óptica de los Estudios Críticos del Discurso*

## RESUMO

O estudo examina, a partir de uma revisão bibliográfica, como a desinformação se constitui como prática discursiva, explorando as interseções entre poder, manipulação e controle informacional. Ao adotar uma abordagem que articula as perspectivas de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003), Charaudeau (2007) e Van Dijk (2018) sobre discurso e poder. O trabalho visa construir um panorama teórico capaz de fundamentar análises críticas sobre o papel da desinformação na sociedade atual.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso Crítica; discurso desinformativo; desinformação.



Recebido em: 4 de abril de 2024  
Aceito em: 21 de setembro de 2024  
DOI: 10.26512/les.v26i2.53799

CADERNOS  
de  
LINGUAGEM  
&  
SOCIEDADE

*Papers on Language and Society*

Thiago Henrique de Jesus-Silva

[contatothiagosilva@alu.ufc.br](mailto:contatothiagosilva@alu.ufc.br)

<https://orcid.org/0000-0002-1515-3734>

Universidade Federal do Ceará (UFCE),  
Fortaleza, Ceará, Brasil

ARTIGO

## ABSTRACT

The study examines, through a bibliographic review, how disinformation is constituted as a discursive practice, exploring the intersections between power, manipulation, and informational control. By adopting an approach that articulates Chouliaraki's e Fairclough's (1999) e Fairclough's (2003), Charaudeau's (2007) and Van Dijk's (2018) contributions on discourse and power, the work aims to build a theoretical framework capable of supporting critical analyses of the role of disinformation in contemporary society.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis; disinformation discourse; disinformation.

## RESUMEN

El estudio examina, a partir de una revisión bibliográfica, cómo la desinformación se constituye como una práctica discursiva, explorando las intersecciones entre poder, manipulación y control informativo. Al adoptar un enfoque que articula las perspectivas de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003), Charaudeau (2007) y Van Dijk (2018) sobre discurso y poder, el trabajo tiene como objetivo construir un panorama teórico capaz de fundamentar análisis críticos sobre el papel de la desinformación en la sociedad actual.

**Palabras clave:** Análisis de Discurso Crítico; discurso desinformativo; desinformación.

### Como citar:

JESUS-SILVA, Thiago Henrique de. A desinformação sob a ótica dos Estudos Críticos do Discurso. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 54-73, jul./dez. 2025. DOI: 10.26512/les.v26i2.53799 Disponível em: . Acesso em: XXX.

### Correspondência:

Nome por extenso do autor principal

Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

### Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Creative Commons Attribution 4.0 International license

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



## INTRODUÇÃO

O fenômeno da desinformação tem se tornado um dos principais desafios no cenário sociopolítico do capitalismo digital, principalmente com a proliferação das plataformas digitais, que facilitam a disseminação de conteúdos manipulados e informações falsas, conforme Jesus-Silva (2024). A desinformação, como descrita por Martins (2024), pode ser vista como uma manifestação das lutas políticas que se adaptam às condições do capitalismo contemporâneo, caracterizado por crises recorrentes. No capitalismo digital, essa prática ganha uma nova dimensão por meio da internet plataformizada, onde as grandes corporações tecnológicas desempenham um papel crucial no controle da informação. O controle desses fluxos informacionais é facilitado por algoritmos que promovem a rápida disseminação de conteúdos manipulativos, automatizando processos e criando uma opacidade sobre como as informações circulam. Ou seja, a desinformação, não apenas confunde a opinião pública, mas também compromete o processo democrático ao distorcer a percepção da realidade social e política.

Na análise crítica desse fenômeno, as contribuições teóricas de autores como Patrick Charaudeau (1997), Teun van Dijk (2008) e Norman Fairclough (2003) oferecem caminhos fundamentais para compreender as dinâmicas discursivas envolvidas. Para Charaudeau (1997, 2006), o discurso midiático exerce um papel central na construção das narrativas hegemônicas que estruturam a percepção pública. Entendemos que, com o advento da internet, o discurso passou a ser ainda mais suscetível à manipulação, criando uma lacuna entre o factual e a verdade midiaticamente construída.

Por outro lado, a partir da perspectiva de Van Dijk (2018) exploramos a desinformação sob o viés do abuso de poder discursivo, onde elites dominantes utilizam o controle comunicacional para influenciar as crenças e atitudes do público, o que frequentemente resulta em formas de manipulação cognitiva que reforçam desigualdades sociais e políticas. Fairclough (2003), por sua vez, nos convida a entender o discurso como uma prática social que não apenas reflete as relações de poder, mas as (re)produz ativamente, contribuindo para a manutenção de estruturas hegemônicas.

Ao articular essas três abordagens, este artigo busca revisitar a desinformação como prática discursiva sob a ótica dos Estudos Críticos do Discurso (ECD). A desinformação, portanto, não é apenas um fenômeno factual, mas uma manifestação complexa das dinâmicas de poder que permeiam a sociedade contemporânea. Neste contexto, torna-se fundamental não apenas identificar os mecanismos linguísticos e retóricos que sustentam a desinformação, mas também compreender como esses mecanismos são articulados para manipular percepções, deslegitimar opositores e perpetuar relações de dominação. O objetivo deste trabalho é construir uma base teórica que permita o aprofundamento dessas questões e ofereça um panorama crítico para futuras investigações sobre o papel da desinformação no capitalismo digital.

## 1. A DESINFORMAÇÃO NO CAPITALISMO DIGITAL: DINÂMICAS E IMPACTOS SOCIAIS

A desinformação, sendo um fenômeno dinâmico e multifacetado, ganhou centralidade na era do capitalismo digital devido à sua crescente capacidade de impactar sociedades e processos democráticos. Esse fenômeno, ao longo dos últimos anos, sofreu transformações significativas tanto em sua definição quanto em suas formas de manifestação, exigindo uma análise crítica mais profunda e atualizada para compreender suas causas, meios de propagação e as consequências sociais e políticas que acarretam.

Segundo Wardle e Derakhshan (2017), a desinformação pode ser entendida como informações deliberadamente falsas ou enganosas, criadas com o intuito de confundir, manipular ou enganar o público. No entanto, a desinformação não pode ser encarada de forma isolada, pois ela está atrelada a uma cadeia mais ampla de fenômenos, incluindo a economia de atenção, a propagação algorítmica de conteúdos e as dinâmicas do capitalismo digital. Para além de sua natureza maliciosa e intencional, a desinformação também pode surgir em contextos não planejados, amplificada por plataformas digitais em que a rapidez da disseminação de conteúdos supera os mecanismos de verificação da verdade.

Ampliando a discussão proposta por Wardle e Derakhshan (2017), Jowett e O'Donnell (2017) oferecem uma análise mais abrangente ao situar a desinformação dentro da comunicação de massa e da propaganda política. Nesse cenário, a desinformação emerge como uma ferramenta poderosa de manipulação informacional, onde atores políticos ou econômicos distorcem fatos, ou omitem informações com o objetivo de moldar percepções públicas e influenciar comportamentos. Aqui, a manipulação do discurso público é usada como uma forma estratégica de controle, uma maneira de dominar narrativas e, conseqüentemente, exercer poder político ou econômico. Em um contexto mais amplo, a desinformação pode ser vista como uma ferramenta de guerra informacional, usada para polarizar sociedades, desacreditar opositores e minar a confiança nas instituições democráticas.

Enquanto Jowett e O'Donnell (2017) se concentram no aspecto estratégico da desinformação, Van der Linden (2020) revisita a dimensão psicológica, argumentando que a propagação de desinformação está intimamente ligada a processos cognitivos e emocionais dos indivíduos. Por meio de vieses de confirmação e falácias lógicas, a desinformação é facilmente internalizada e compartilhada pelos usuários das plataformas digitais, que tendem a aceitar conteúdos que reforçam suas crenças preexistentes. Nesse sentido, os algoritmos das plataformas digitais desempenham um papel crucial ao alimentar o ciclo de desinformação, apresentando aos usuários conteúdos que se alinham com suas preferências e perspectivas, criando um ambiente de eco que intensifica a polarização social.

Com o surgimento das plataformas digitais, como redes sociais e mecanismos de busca, a desinformação encontrou um novo meio de propagação em larga escala. As tecnologias

algorítmicas utilizadas por plataformas como Facebook, YouTube e X (antigo Twitter) são programadas para maximizar o tempo de engajamento dos usuários, o que significa que conteúdos sensacionalistas ou polarizadores são amplificados em detrimento de informações verificadas, ou moderadas. Martins (2024) e Jesus-Silva e Lima (2024) destacam que essa busca por engajamento contínuo criou um ecossistema informacional no qual a desinformação prospera, impulsionada por algoritmos que priorizam aquilo que gera maior interação, independentemente da veracidade dos conteúdos.

Essa prática está profundamente enraizada na lógica do capitalismo digital, na manipulação ideológica e na instrumentalização da comunicação para fins de controle social. Segundo Jesus-Silva (2024), a interseção entre capitalismo, tecnologia digital e desinformação reflete um modelo de dominação no qual grandes corporações utilizam algoritmos e a coleta massiva de dados para promover interesses comerciais e políticos. Nesse sentido, plataformas digitais se tornam espaços de reprodução de desigualdades, ao mesmo tempo, em que direcionam conteúdos de maneira segmentada, amplificando discursos e consolidando narrativas favoráveis aos interesses hegemônicos.

A desinformação, no contexto das plataformas digitais, representa uma reconfiguração do poder informacional. Como aponta Jesus-Silva (2025), os algoritmos das grandes plataformas digitais, ao priorizarem conteúdos de alto engajamento, promovem um ambiente onde a desinformação prospera e se torna um instrumento de controle social. Esse processo está diretamente ligado à hegemonia algorítmica, conceito que descreve a forma como os sistemas digitais reestruturam o fluxo de informações, modulando o que é visível e o que é marginalizado na esfera pública digital.

Zuboff (2019) argumenta que a propagação da desinformação está profundamente interligada ao que ela chama de capitalismo de vigilância, um modelo econômico no qual as plataformas digitais lucram com a coleta e análise de dados dos usuários. Nesse cenário, a atenção dos usuários é mercantilizada, e os dados comportamentais são usados para prever e influenciar ações futuras. A desinformação, nesse contexto, não é meramente um subproduto do mau uso das plataformas, mas um mecanismo central em um sistema que prioriza o lucro em detrimento da verdade e da integridade informacional. A monetização da desinformação, conforme Santos Junior e Nichols (2024), se torna evidente quando se percebe que conteúdos manipulados, por serem mais compartilháveis e sensacionalistas, geram mais engajamento e, portanto, mais receita publicitária para as plataformas. O estudo de Santos Junior e Nichols (2024) revela que o Google financia sites de extrema-direita que promovem a desinformação, aproximadamente 70%. A partir dessa análise, pode-se argumentar que a desinformação digital é uma ferramenta de poder que se aproveita das fragilidades e dinâmicas do capitalismo de vigilância.

É importante destacar a ascensão da desinformação no contexto político contemporâneo está profundamente entrelaçada com o fenômeno da pós-verdade e a emergência de populismos

de extrema-direita, como evidenciado nas eleições de Donald Trump nos Estados Unidos (2016, 2024) e Jair Bolsonaro no Brasil (2018). Quessada (2022, 2023), D'Ancona (2018) e Keyes (2018) destacam que, na era da pós-verdade, os fatos objetivos tornam-se secundários em relação às emoções e crenças pessoais, criando um ambiente propício para a proliferação de fake news. A manipulação da opinião pública através da desinformação tem sido uma estratégia chave para líderes populistas, que utilizam táticas de polarização e deslegitimação dos oponentes para consolidar poder. McIntyre (2018) reforça essa visão ao afirmar que, em contextos de crescente polarização política, a desinformação se torna uma arma poderosa para influenciar resultados eleitorais e enfraquecer a confiança nas instituições democráticas.

O fenômeno da desinformação, portanto, não se limita a um problema de interpretação da realidade, mas se configura como um mecanismo sofisticado de manipulação cognitiva e afetiva. Carvalho e Rovida (2024) ressaltam que a extrema-direita tem utilizado tecnologias de desinformação para influenciar eleições, mobilizar apoio e fomentar crises institucionais. A desinformação, nesse contexto, opera como uma estratégia de propaganda que explora vieses cognitivos e reforça crenças preexistentes para promover determinadas agendas políticas. O uso de teorias conspiratórias, narrativas polarizadoras e ataques à mídia tradicional são algumas das táticas empregadas para deslegitimar adversários e consolidar uma visão de mundo específica.

Recentemente, observa-se um alinhamento inédito entre líderes populistas de extrema-direita e as grandes empresas de tecnologia no aspecto de ser uma influência direta. Alertamos para a proximidade entre os donos das big techs e no segundo governo de Donald Trump, indicando uma convergência de interesses que pode amplificar a disseminação de desinformação. Empresas como Meta, Amazon e X (antigo Twitter), que anteriormente mantinham uma imagem dissimulada de postura de neutralidade ou até de oposição a Trump, agora demonstram apoio explícito, participando de eventos oficiais e estabelecendo alianças estratégicas. Esse movimento sugere uma instrumentalização mútua, onde as big techs buscam proteger seus monopólios e evitar regulações, enquanto líderes populistas de extrema-direita se beneficiam do alcance e da influência dessas plataformas para disseminar suas narrativas desinformativas.

Portanto, a desinformação não pode ser vista apenas como um conjunto de informações falsas ou enganosas, mas como um fenômeno profundamente interligado a questões de poder, economia e psicologia. Ao se inserir nas dinâmicas algorítmicas das plataformas digitais, a desinformação se alimenta de um sistema que privilegia o engajamento em detrimento da verdade, exacerbando a polarização social e criando novos desafios para as democracias do capitalismo digital.

## 2. DESINFORMAÇÃO E SOCIEDADE: A PERSPECTIVA DE CHARAUDEAU

Charaudeau (1997) já apontava, em sua obra *Le discours d'information médiatique*, para a necessidade de uma crítica incisiva ao papel da informação na sociedade democrática. Para Charaudeau (1997), a informação desempenha uma função central na construção do espaço público, ao fornecer os elementos discursivos que permitem aos cidadãos deliberarem sobre questões políticas, sociais e culturais. No entanto, a informação não é um bem neutro; ela é um bem simbólico que pode ser manipulado para servir a interesses particulares, o que faz da mídia um instrumento de poder com profundas implicações para a democracia. Essa visão crítica ressalta a ambivalência da mídia: ela pode ser tanto um facilitador da participação cidadã quanto uma ferramenta para controlar a opinião pública e distorcer a realidade.

Charaudeau (1997) argumenta que a informação não é apenas um reflexo da verdade, mas sim um produto de um processo complexo que envolve a seleção, a avaliação e a representação de eventos e temas de interesse público. Ele destaca que os meios de comunicação têm a responsabilidade de informar, mas também enfrentam pressões comerciais e competitivas que podem influenciar como a informação é apresentada.

Na análise de Charaudeau (2003), o controle da mídia e a manipulação da informação não são apenas práticas esporádicas, mas processos estruturais que afetam diretamente a qualidade do debate público. Ele argumenta que, ao selecionar e enquadrar os fatos, os veículos de comunicação moldam como os cidadãos compreendem o mundo ao seu redor. Essa mediação é intrinsecamente carregada de intenções políticas e econômicas, visto que os grupos que controlam a mídia também controlam, em grande medida, o fluxo e a interpretação das informações que chegam ao público. Isso cria um cenário em que a mídia deixa de ser um simples transmissor de notícias e passa a atuar como um mediador ativo no processo de construção social da realidade.

Com o advento da internet e a massificação das plataformas digitais, o alcance e o impacto da desinformação atingiram níveis sem precedentes, mudando radicalmente a maneira como a informação é produzida, consumida e distribuída. Antes do capitalismo digital, a informação passava por processos mais rigorosos de mediação e verificação, em que jornalistas e editores atuavam como gatekeepers, filtrando o que chegava ao público. No entanto, a democratização do acesso à informação e a ausência de mediação nas redes sociais digitais eliminaram esses filtros, permitindo que a desinformação circulasse com velocidade e amplitude inimagináveis. Este novo ecossistema comunicacional não apenas intensificou o fluxo de informações manipuladas, mas também ampliou suas consequências, afetando profundamente as estruturas políticas, sociais e cognitivas da sociedade contemporânea.

O conceito de contraverdade, proposto por Charaudeau (2022), é essencial para entender essa nova dinâmica da desinformação. A contraverdade vai além da mera falsidade ou erro factual; ela é uma construção deliberada que se opõe frontalmente à verdade factual, criando narrativas

enganosas cujo objetivo é distorcer a percepção pública e reconfigurar a realidade social. O que distingue a contraverdade de outros tipos de falsidade é sua intencionalidade e persistência: ela não se limita a contestar um fato ou um evento, mas visa estabelecer uma nova realidade discursiva que substitui a verdade objetiva por uma versão alternativa dos acontecimentos.

Essa prática discursiva cria uma realidade paralela na qual os fatos objetivos são constantemente subvertidos ou negados. Em vez de funcionar como meras distorções da verdade, as contraverdades criam narrativas inteiramente novas que competem com os fatos reconhecidos, gerando um campo de disputa entre versões conflitantes da realidade. Essa disputa, amplificada pelas redes sociais e pelas dinâmicas de engajamento digital, torna-se uma batalha pela hegemonia do discurso. O resultado é que o público é continuamente bombardeado por múltiplas versões do mesmo evento, cada uma sustentada por diferentes interesses políticos, ideológicos ou econômicos.

Essa fragmentação da verdade tem consequências profundas para a democracia neoliberal. Quando a verdade factual perde sua primazia em favor de narrativas construídas e emocionalmente manipuladoras, os cidadãos enfrentam dificuldades extremas para formar uma opinião pública informada. Um dos pilares fundamentais da democracia neoliberal é a capacidade dos cidadãos de participarem de debates públicos com base em informações confiáveis, capazes de sustentar decisões racionais e coletivas. A realidade discursiva alternativa, criada pelas contraverdades, compromete esse processo ao oferecer versões conflitantes dos mesmos fatos, tornando a verdade não apenas inacessível, mas também irrelevante para muitos grupos sociais. A confiança no debate racional é minada, e a capacidade de discernimento crítico do público se enfraquece diante do volume de informações contraditórias.

A criação de realidades alternativas por meio de contraverdades pode ser vista como um sofisticado mecanismo de controle social. Ao reconfigurar a percepção pública dos eventos, as elites políticas e econômicas podem manipular o comportamento das massas, promovendo divisões sociais e a polarização política. A desinformação, nesse sentido, não é apenas uma questão de falsidade ou erro, mas uma estratégia de poder para moldar as crenças e comportamentos de grandes parcelas da população. A contraverdade funciona como uma ferramenta de poder ao desestabilizar o consenso social e fragmentar a sociedade em nichos informacionais isolados, onde cada grupo consome apenas aquilo que confirma suas crenças prévias.

A partir dos pensamentos de Charaudeau (1997, 2003, 2022), argumentamos que a desinformação deve ser entendida como uma prática midiática deliberada, em que as fronteiras entre realidade e falsidade se tornam propositadamente borradas para manipular a audiência. Nesse contexto, a desinformação não é um mero acidente ou uma falha no sistema de comunicação, mas uma estratégia consciente utilizada por certos agentes para influenciar a percepção pública e promover interesses políticos ou econômicos específicos. Ao borrar as linhas entre o real e o falso, a desinformação destrói a confiança pública nas fontes de informação

tradicionais e enfraquece a capacidade da sociedade de distinguir entre fatos e opiniões, verdade e engano.

Essa manipulação discursiva tem implicações profundas para o funcionamento da democracia. Ao distorcer o processo de formação da opinião pública, a desinformação impede que os cidadãos participem de debates racionais e informados, minando a base sobre a qual se constroem consensos democráticos. A democracia depende de um fluxo constante de informações confiáveis que permitam aos cidadãos fazer escolhas informadas. Quando esse fluxo é corrompido pela desinformação, a própria ideia de uma deliberação democrática — baseada em argumentos racionais e evidências compartilhadas — é desestabilizada. Em vez de promover um debate construtivo, a desinformação exacerba a polarização, dividindo a sociedade em bolhas de crenças opostas, cada uma alimentada por suas próprias versões da verdade. Isso fortalece a radicalização de posições, impede o diálogo e dificulta a construção de consensos sociais.

Ao observar esse fenômeno, Charaudeau (1997, 2003, 2022) alerta que a manipulação midiática, facilitada pela desinformação, serve como um mecanismo de controle simbólico, permitindo que elites políticas e econômicas mantenham e reforcem suas posições de poder. A desinformação, ao ser disseminada amplamente, não apenas influencia as escolhas eleitorais, mas também afeta a maneira como as sociedades percebem questões fundamentais como a justiça social, a economia e as políticas públicas. Em um contexto de polarização exacerbada, onde as versões conflitantes da realidade coexistem sem resolução, a própria estrutura do espaço público se fragmenta, resultando em um enfraquecimento das bases democráticas.

### **3. MANIPULAÇÃO E ABUSO DE PODER: A ABORDAGEM DE VAN DIJK**

A obra *Discurso e Poder* de Teun van Dijk (2018) representa um marco nos estudos críticos do discurso, particularmente em sua análise sobre as intrincadas relações entre poder, controle e manipulação discursiva. O autor desenvolve uma perspectiva teórica que permite compreender como as estruturas de poder se manifestam e se perpetuam mediante práticas discursivas específicas, estabelecendo um framework analítico que permanece extremamente relevante para a compreensão dos fenômenos comunicacionais contemporâneos

Van Dijk (2018) parte da premissa de que o poder discursivo se manifesta fundamentalmente através do controle: controle sobre os contextos de produção e circulação dos discursos, sobre o acesso aos recursos comunicativos e sobre as próprias estruturas discursivas. Este controle não se expressa apenas em termos de coerção explícita, mas frequentemente opera por meio de mecanismos mais sutis e sofisticados de dominação simbólica. Um exemplo disso pode ser observado nas plataformas digitais, que utilizam algoritmos para definir quais conteúdos são amplificados e quais são suprimidos. O controle exercido por empresas como Meta, Google e X (antigo Twitter) sobre os fluxos informacionais molda a percepção pública dos acontecimentos,

direcionando a atenção para determinados discursos enquanto marginaliza outros. Assim, as big techs desempenham um papel central na regulação simbólica do debate público, operando de maneira invisível para influenciar narrativas e consolidar hegemonias discursivas alinhadas aos seus interesses comerciais e políticos. É neste contexto intelectual que o autor introduz seu conceito de formas de abuso de poder de dominação, identificando três dimensões principais do abuso de poder comunicativo: a manipulação, a doutrinação e a desinformação.

Para Van Dijk (2018), a manipulação não é apenas uma questão de comunicação, mas envolve uma complexa interação de poder e dominação entre grupos sociais. Ele argumenta que a manipulação é uma prática social que se manifesta através do discurso, onde atores dominantes utilizam estratégias discursivas para influenciar as crenças e ações de grupos subordinados.

A manipulação, segundo Van Dijk (2006, 2018), é caracterizada por um controle da mente dos receptores, o que implica que a comunicação manipuladora visa moldar as percepções e interpretações dos indivíduos de maneira a favorecer os interesses do manipulador. Essa prática se distingue da persuasão legítima, que se baseia na apresentação de argumentos e fatos de forma equilibrada e imparcial. Em contraste, a manipulação envolve frequentemente a omissão de informações cruciais, distorções de fatos e a apresentação de narrativas enganosas, criando uma compreensão parcial da realidade. Van Dijk (2006, 2018) enfatiza que essa manipulação é exercida em contextos sociais específicos, onde as relações de poder são evidentes, como na política, na mídia e em instituições educacionais.

Um aspecto central da análise de Van Dijk (2006, 2018) é a noção de que a manipulação ocorre em um nível discursivo-semiótico, abrangendo não apenas a linguagem verbal, mas também elementos não-verbais, como gestos, expressões faciais e o layout visual de textos. Ele argumenta que as estruturas do discurso não são intrinsecamente manipuladoras; seu potencial manipulativo depende do contexto em que são utilizadas e da interpretação que os receptores fazem delas. Assim, o mesmo discurso pode ser considerado manipulador em uma situação, mas não em outra, dependendo das intenções do emissor e das percepções do receptor.

Van Dijk (2018) também destaca a importância da ética do discurso, sugerindo que a manipulação deve ser entendida em termos de normas sociais e contextuais que definem o que é considerado uma interação comunicativa legítima. Ele argumenta que a manipulação é uma forma de abuso de poder que deve ser analisada em relação a grupos sociais e instituições, em vez de se concentrar apenas em interações individuais. Isso implica que a manipulação é frequentemente perpetrada por elites simbólicas que controlam a informação e moldam a opinião pública, enquanto os grupos dominados são deixados em uma posição de vulnerabilidade.

Embora o termo desinformação, como conceituado no presente artigo, não seja explicitamente utilizado, os conceitos discutidos por Van Dijk (2006, 2018) podem ser aplicados a essa prática. Ele discute conceitos relacionados que envolvem a manipulação do discurso e o controle das crenças dos receptores, o que pode incluir práticas de desinformação. O autor aborda

a manipulação como um fenômeno que envolve o controle da mente dos participantes, onde a comunicação pode ser utilizada para distorcer a verdade ou omitir informações relevantes, levando a uma compreensão parcial ou tendenciosa da realidade. Isso sugere que a desinformação, como uma forma de manipulação, pode ser uma consequência das práticas discursivas que ele analisa.

A manipulação, conforme descrita por Van Dijk (2006, 2018), se alinha diretamente com os objetivos da desinformação, que busca moldar a percepção pública por meio da disseminação de informações falsas ou enganosas. Essa intersecção entre manipulação e desinformação destaca a importância de entender as táticas utilizadas para distorcer a verdade e influenciar a opinião pública.

Um dos aspectos centrais da abordagem de Van Dijk (2006, 2018) é a análise das estratégias discursivas empregadas na manipulação. Tais estratégias incluem a omissão de informações, a distorção de fatos e a construção de narrativas enganosas. Compreender essas táticas é crucial para identificar como a desinformação é criada e disseminada. Ao reconhecer essas práticas, os indivíduos podem se tornar mais críticos em relação às informações que consomem e compartilham, desenvolvendo uma postura mais vigilante em relação ao conteúdo que circula nas mídias.

Além disso, Van Dijk (2006, 2018) coloca a manipulação em um contexto social mais amplo, onde as relações de poder desempenham um papel central. A desinformação é frequentemente utilizada por grupos dominantes para manter ou reforçar seu poder, manipulando a narrativa pública em benefício próprio. Essa compreensão ajuda a identificar as motivações por trás da desinformação, revelando que ela não é um fenômeno isolado, mas parte de uma dinâmica social complexa que envolve interesses políticos, econômicos e ideológicos.

Um primeiro aspecto fundamental que emerge a partir da perspectiva de Van Dijk (2006, 2018) é a compreensão da desinformação não como um fenômeno isolado ou meramente comunicacional, mas como uma prática social intrinsecamente ligada às estruturas de poder. Assim como o autor argumenta que a manipulação envolve uma complexa interação de poder e dominação entre grupos sociais, a desinformação também deve ser entendida como um mecanismo de exercício e manutenção de poder, operando via estratégias discursivas específicas que visam moldar a percepção pública em benefício de grupos dominantes.

O conceito de controle da mente dos receptores, desenvolvido por Van Dijk (2018) em sua análise da manipulação, oferece insights valiosos para compreender como a desinformação opera. A desinformação, assim como a manipulação discutida pelo autor, não se limita à mera disseminação de falsidades, mas envolve um processo mais complexo de moldagem das percepções e interpretações da realidade. Este processo se manifesta por meio de diferentes estratégias: omissão seletiva de informações; distorção contextual de fatos; construção de narrativas enganosas e manipulação de elementos discursivo-semióticos.

Um aspecto particularmente relevante da análise de Van Dijk (2006, 2018) para a compreensão da desinformação é sua ênfase no papel do contexto social. Assim como o autor

argumenta que as estruturas do discurso não são intrinsecamente manipuladoras, mas dependem do contexto de uso, a desinformação também deve ser analisada considerando seu contexto de produção, circulação e recepção. Uma mesma informação pode funcionar como desinformação em determinado contexto e não em outro, dependendo das intenções dos emissores, das condições de circulação e das interpretações dos receptores.

A dimensão ética destacada por Van Dijk (2006) também oferece importantes reflexões para o estudo da desinformação. Se a manipulação deve ser entendida em termos de normas sociais e contextuais que definem uma interação comunicativa legítima, o mesmo se aplica à desinformação. Isso nos leva a questionar não apenas os aspectos técnicos ou factuais da desinformação, mas também suas implicações éticas e sociais mais amplas.

A análise do autor sobre o papel das elites simbólicas no controle da informação é particularmente pertinente para compreender as dinâmicas contemporâneas de desinformação. Em um contexto de mídia digital e redes sociais, essas elites se diversificaram e ganharam novos contornos, mas mantêm seu papel fundamental na moldagem da opinião pública através do controle e manipulação da informação.

Van Dijk (2006, 2018) nos ajuda a compreender que a desinformação, assim como a manipulação, opera em múltiplos níveis: cognitivo: afetando como as pessoas processam e interpretam informações; social: explorando e reforçando relações de poder existentes; discursivo: utilizando estratégias específicas de construção e disseminação de mensagens; contextual: dependendo de condições sociais e culturais específicas.

As contribuições de Van Dijk (2006, 2018) sobre manipulação e poder discursivo oferecem um framework teórico robusto para analisar e compreender a desinformação como um fenômeno social complexo, que vai muito além da simples disseminação de informações falsas. Sua perspectiva nos ajuda a entender a desinformação como uma prática social que envolve relações de poder, estratégias discursivas específicas e contextos sociais particulares, demandando uma abordagem analítica igualmente complexa e multidimensional.

#### **4. DISCURSO E PODER: A ABORDAGEM RELACIONAL-DIALÉTICA DE FAIRCLOUGH**

Norman Fairclough (2003) oferece uma abordagem relacional-dialética para a análise do discurso, que pode contribuir para entender a desinformação como prática discursiva. Sua teoria e metodologia baseia-se na ideia de que o discurso não é apenas uma ferramenta para descrever a realidade, mas também um meio de ação social, capaz de moldar e transformar essa realidade. O discurso, portanto, está intrinsecamente ligado às relações de poder, sendo simultaneamente um reflexo dessas relações é um campo de batalha em que elas são negociadas, reproduzidas ou contestadas.

A contribuição central de Fairclough (2003) para discussão sobre a desinformação reside em sua compreensão do discurso como prática social que simultaneamente representa e constitui a realidade. Esta perspectiva nos permite entender que a desinformação não é simplesmente uma distorção da verdade, mas um processo ativo de construção de realidades sociais alternativas. Quando aplicamos esta lente analítica aos fenômenos contemporâneos de desinformação, percebemos que seu poder não reside apenas na capacidade de enganar, mas principalmente em seu potencial de criar e sustentar estruturas de significação que moldam como as pessoas compreendem e interagem com o mundo ao seu redor.

A partir disso, podemos considerar que a desinformação deve ser vista como uma prática discursiva estratégica que não apenas distorce os fatos, mas também reconfigura as interpretações sociais em favor de interesses políticos e econômicos. Ou seja, a desinformação não é neutra; ela tem um propósito claro: o de influenciar a percepção pública para legitimar ações, políticas ou ideologias que servem a grupos específicos de poder.

A abordagem relacional-dialética de Fairclough (2003) também aponta para o caráter dinâmico do poder discursivo. Ele não é estático nem unilateral, mas fluido e multifacetado. Isso significa que, embora os grupos dominantes possam usar a desinformação para consolidar seu poder, esse poder está sempre sujeito a contestação. A desinformação, ao tentar impor uma narrativa hegemônica, enfrenta resistências de outros atores sociais que buscam desmascará-la e promover contra-narrativas. A partir da perspectiva de Fairclough (2003), é possível considerar a desinformação não como uma prática isolada, mas como parte de uma luta contínua pelo controle do discurso e, por extensão, pelo controle da realidade social.

Fairclough (2003) argumenta que o discurso tem um papel ativo na constituição da realidade social. Ele não apenas reflete a realidade existente, mas também a constrói ao proporcionar aos indivíduos e à sociedade um conjunto de significados com os quais eles interpretam o mundo. Nessa perspectiva, o discurso é um espaço estratégico de disputa de poder, onde diferentes grupos competem para impor suas visões de mundo. A desinformação, portanto, se aproveita dessa característica intrínseca do discurso ao criar narrativas que distorcem a realidade e, ao mesmo tempo, consolidam posições de poder.

A partir dos pensamentos de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003), o presente artigo formula considerar a desinformação enquanto uma prática discursiva age de maneira sutil e eficaz ao transformar a realidade social em um espaço de disputa ideológica. Ao distorcer a verdade, a desinformação cria uma "realidade alternativa" que reforça a posição de grupos dominantes, enquanto marginaliza e silencia vozes dissidentes. As narrativas enganosas geradas pela desinformação são, assim, parte de uma estratégia de poder que visa garantir a manutenção de estruturas sociais e políticas favoráveis a certos grupos de interesse. Essa estratégia não apenas manipula a verdade, mas também redefine o campo discursivo, criando um ambiente onde o controle sobre o significado é disputado de forma desigual.

Um aspecto central da teoria de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003), que se revela particularmente relevante para a análise da desinformação, é sua ênfase no conceito de semiose social — os processos pelos quais os significados são construídos, negociados e disseminados na sociedade. A semiose, nesse contexto, não se refere apenas à produção de significados linguísticos, mas envolve toda uma gama de práticas simbólicas e discursivas que organizam a maneira como as pessoas compreendem e interpretam a realidade. Ao articular a semiose social como um elemento dinâmico, Fairclough (2003) nos oferece uma lente crítica para entender como a desinformação atua não apenas introduzindo falsidades, mas manipulando os próprios processos pelos quais os significados são atribuídos aos acontecimentos, ideologias e instituições.

Quando aplicada à desinformação, a semiose social se mostra um mecanismo fundamental para explicar como narrativas falsas ou enganosas conseguem se enraizar e persistir, mesmo diante de evidências contraditórias. Isso ocorre porque a desinformação, a partir dessa perspectiva, não opera apenas no nível superficial da informação incorreta, mas manipula as estruturas profundas de significação que moldam como os indivíduos e grupos interpretam o mundo. Nesse sentido, a desinformação reconfigura os sistemas semióticos que organizam as experiências e crenças sociais, apresentando narrativas que criam um sentido coerente para fatos alternativos ou falsos.

Ao focar nos processos de construção de significado, Fairclough (1999, 2003) nos ajuda a entender por que certas narrativas desinformativas não apenas sobrevivem ao confronto com a verdade factual, mas, de fato, podem se fortalecer. O poder dessas narrativas reside na sua capacidade de moldar os marcos interpretativos através dos quais o público compreende a realidade. Isso significa que a desinformação eficaz não se limita a apresentar "fatos" alternativos, mas constrói um quadro interpretativo completo no qual esses fatos falsos se encaixam de maneira lógica e coerente. Quando esse quadro é aceito pelo público, ele se torna uma lente dominante por meio da qual as pessoas processam novas informações, rejeitando ou reinterpretando as evidências que contradizem a narrativa desinformativa. Esse processo resulta na criação de "realidades discursivas" distintas, onde grupos sociais diferentes podem ter visões completamente antagônicas sobre os mesmos eventos ou fatos.

Por exemplo, em muitas campanhas de desinformação política, os fatos são distorcidos de maneira que reforçam preconceitos preexistentes ou crenças ideológicas. A semiose social, neste caso, é manipulada para que as narrativas desinformativas ressoem com as emoções, valores e expectativas do público-alvo. Não se trata apenas de enganar com mentiras, mas de moldar uma estrutura de interpretação onde essas mentiras parecem coerentes, sensatas e, até certo ponto, legítimas. Isso explica por que, mesmo quando confrontados com evidências claras que desmentem uma narrativa falsa, os indivíduos podem permanecer apegados a ela: a narrativa desinformativa faz sentido dentro do sistema de significados construído ao seu redor.

Essa visão teórica revela a profundidade do problema da desinformação. A manipulação dos processos de semiose social significa que os "fatos" alternativos não estão isolados, mas estão entrelaçados em um sistema mais amplo de significados que sustentam ideologias e práticas sociais específicas. Esse sistema envolve valores culturais, posições políticas, identidades sociais e crenças individuais que são difíceis de alterar, pois fazem parte de uma teia complexa de significados que orientam a vida cotidiana das pessoas. A desinformação, ao moldar essa teia semiótica, cria uma espécie de blindagem cognitiva, onde o público passa a filtrar novas informações consoante os parâmetros desse sistema interpretativo manipulado, rejeitando automaticamente qualquer coisa que não se ajuste a ele.

Esse fenômeno também ajuda a explicar a persistência das bolhas informativas nas redes sociais e no ambiente digital. Ao manipular a semiose social, a desinformação ajuda a criar e reforçar essas bolhas, onde grupos inteiros operam dentro de sistemas de significação próprios, frequentemente impermeáveis à verificação factual ou ao discurso racional. Esses grupos formam comunidades em torno de marcos interpretativos comuns, alimentados por narrativas desinformativas que se tornam cada vez mais difíceis de contestar ou dismantelar. Dentro dessas bolhas, os sistemas de significação alternativos criados pela desinformação se tornam uma espécie de "realidade paralela", onde as verdades e mentiras tradicionais perdem relevância, e o que importa é a coesão interna da narrativa dominante.

Na visão de Fairclough (1999, 2003), o poder discursivo reside na capacidade de moldar as interpretações que os indivíduos fazem de sua realidade, controlando os termos e as condições sob as quais os discursos circulam. Ao manipular o discurso, grupos dominantes conseguem controlar não apenas o que as pessoas sabem, mas como elas processam essa informação e o que fazem com ela. A desinformação, nesse sentido, se torna uma poderosa ferramenta de dominação, pois ao manipular os fatos e distorcer a semiose social, ela consolida a hegemonia de determinadas ideologias. Isso ocorre porque, ao controlar o discurso, é possível influenciar a maneira como as pessoas percebem os eventos e os atores sociais, moldando suas crenças, atitudes e comportamentos segundo os interesses de quem detém o poder discursivo.

A partir do que foi exposto anteriormente, podemos identificar algumas implicações importantes que Fairclough (2003) talvez não tenha previsto completamente, dado o contexto tecnológico em que desenvolveu sua teoria. Primeiro, o ambiente digital contemporâneo amplifica dramaticamente o potencial constitutivo do discurso que Fairclough (2003) identificou. As redes sociais e plataformas digitais não apenas facilitam a disseminação de desinformação, mas criam ecossistemas completos de significação onde narrativas alternativas podem se desenvolver e prosperar com relativa autonomia do mundo exterior.

Além disso, a natureza algorítmica das plataformas digitais adicionou uma nova camada à dinâmica de poder discursivo que Fairclough (2003) descreveu. Os algoritmos de recomendação e filtros de conteúdo não apenas mediam, mas moldam ativamente os processos de construção de

sentido, criando o que poderíamos chamar de bolhas semióticas - espaços digitais onde certas interpretações da realidade são sistematicamente reforçadas enquanto outras são marginalizadas ou excluídas.

Esta realidade contemporânea nos obriga a expandir o framework analítico de Fairclough (2003) para considerar como as tecnologias digitais não apenas mediam, mas também automatizam e algoritmizam os processos de construção de sentido que ele descreveu. A desinformação hoje não opera apenas através da manipulação direta de significados, mas também através da manipulação dos sistemas tecnológicos que estruturam como esses significados circulam e se reproduzem.

Outro aspecto que merece reflexão crítica é a questão da agência na construção de sentidos sociais. Fairclough (2003) enfatiza o papel das estruturas de poder na moldagem do discurso, mas o cenário atual de desinformação apresenta uma dinâmica mais complexa, onde atores não-institucionais podem exercer influência significativa sobre os processos de significação social. Isso levanta questões sobre como devemos entender as relações de poder em um ambiente onde os tradicionais guardiões da informação perderam grande parte de sua autoridade.

Uma implicação particularmente importante da teoria de Fairclough (2003) para nossa compreensão atual da desinformação é sua insistência na natureza dialética das relações entre discurso e sociedade. Isto sugere que a desinformação não pode ser combatida apenas através da correção de fatos, mas requer uma intervenção mais ampla nos processos sociais de construção de sentido. Esta perspectiva nos ajuda a entender por que abordagens puramente fact-checking têm se mostrado limitadas no combate à desinformação.

Desenvolvendo criticamente esta ideia, podemos sugerir que o combate efetivo à desinformação requer o que poderíamos chamar de literacia semiótica crítica - uma capacidade não apenas de distinguir fato de ficção, mas de compreender e navegar conscientemente os processos de construção de sentido que Fairclough (1999, 2003) descreveu. Isto implica desenvolver não apenas habilidades de verificação factual, mas uma compreensão mais profunda de como os significados são construídos, negociados e manipulados no ambiente digital contemporâneo.

A perspectiva de Fairclough (2003) também nos ajuda a reconhecer que a desinformação não é apenas um problema de comunicação ou tecnologia, mas um sintoma de contradições e tensões mais profundas na estrutura social. Isto sugere que seu combate efetivo requer não apenas intervenções no nível do discurso, mas também mudanças nas estruturas sociais que criam condições favoráveis à sua proliferação.

As contribuições teóricas de Fairclough (2003) continuam extremamente relevantes para nossa compreensão da desinformação contemporânea, embora necessitem de algumas atualizações e expansões para dar conta das especificidades do ambiente digital. Sua ênfase na natureza constitutiva do discurso e nas relações dialéticas entre práticas discursivas e estruturas sociais nos oferece um framework valioso para analisar e combater a desinformação como um

fenômeno social complexo que opera não apenas no nível da verdade factual, mas nos próprios processos de construção de sentido que estruturam nossa compreensão da realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da desinformação sob a ótica dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) revelou a complexidade e a profundidade desse fenômeno no cenário contemporâneo. Longe de ser um simples problema de informações errôneas ou falsas, a desinformação emerge como uma prática discursiva sofisticada, profundamente imbricada nas dinâmicas de poder, controle social e manipulação ideológica. Ao longo deste estudo, destacamos como as teorias de Charaudeau (1997, 2003, 2022), Van Dijk (2006, 2018) e Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003) fornecem ferramentas analíticas cruciais para desvendar os mecanismos discursivos e semióticos que sustentam a disseminação de narrativas desinformativas.

Charaudeau (1997, 2003, 2022) foi pioneiro ao demonstrar como a informação, longe de ser neutra, está sempre sujeita a manipulações que atendem a interesses políticos e econômicos. Sua visão crítica sobre o papel da mídia como mediadora das narrativas públicas lança luz sobre a ambivalência da informação: ao mesmo tempo, em que deve fomentar o debate democrático, pode ser instrumentalizada para distorcer a realidade social, manipulando o espaço público em favor de determinadas agendas. Esse cenário se torna ainda mais complexo na era digital, onde a massificação das plataformas tecnológicas amplifica o alcance e a eficácia da desinformação, criando o que Charaudeau (2022) denominou de contraverdade — narrativas que não apenas distorcem os fatos, mas reconfiguram toda a estrutura de significação.

Van Dijk (2018), ao abordar a desinformação como uma forma de abuso de poder discursivo, nos alerta para as sutilezas da manipulação cognitiva. Em sua análise, a desinformação opera não apenas pelo controle direto sobre as informações, mas também ao moldar os contextos e as condições de recepção e interpretação dessas informações. Isso coloca em evidência o poder simbólico das elites, que, através do controle dos meios de comunicação e do discurso público, conseguem perpetuar relações de dominação e legitimar suas posições de poder. A desinformação, sob essa perspectiva, é uma ferramenta de manipulação discursiva que visa não apenas distorcer a percepção pública, mas também consolidar hegemonias sociais e políticas.

A abordagem relacional-dialética de Fairclough (2003) aprofunda ainda mais essa discussão, ao argumentar que o discurso não é apenas um reflexo da realidade social, mas uma prática constitutiva que molda e transforma essa realidade. Ao explorar o conceito de semiose social, Fairclough (2003) nos leva a compreender como a desinformação intervém nos processos de construção de sentido, criando realidades discursivas que competem com a verdade factual. Assim, o poder da desinformação não reside apenas na propagação de falsidades, mas na sua capacidade de construir estruturas interpretativas que tornam essas falsidades coerentes e

legítimas dentro de determinados contextos sociopolíticos. A desinformação, dessa forma, se insere em uma batalha pelo controle da narrativa e, conseqüentemente, pela construção da realidade social.

Essa articulação entre poder, discurso e semiose revela que a desinformação opera em camadas profundas, manipulando os marcos interpretativos pelos quais os indivíduos e a sociedade compreendem o mundo. Não é à toa que, mesmo diante de evidências claras que desmentem uma narrativa desinformativa, essas narrativas podem persistir e até se fortalecer. A desinformação é capaz de moldar percepções, cristalizar preconceitos e polarizar a opinião pública, criando divisões profundas que fragmentam o espaço democrático. As bolhas informativas e os ecossistemas digitais, facilitados por algoritmos que priorizam o engajamento em detrimento da veracidade, intensificam esse processo, reforçando a segregação informacional e contribuindo para a criação de realidades paralelas.

Nesse contexto, o combate à desinformação não pode ser entendido de forma simplista, como uma mera questão de correção factual. Embora a verificação de fatos seja necessária, ela é insuficiente diante da profundidade com que a desinformação molda a semiose social. O desafio é mais complexo e exige uma abordagem multidimensional, que envolva tanto a regulação das plataformas digitais quanto a promoção de uma literacia midiática crítica. Esta última deve ir além do treinamento técnico para identificar informações falsas, englobando uma compreensão mais ampla de como os significados são construídos, disputados e manipulados nos ambientes digitais. É crucial capacitar os cidadãos a reconhecer os processos discursivos que subjazem à desinformação e desenvolver uma consciência crítica sobre os interesses ideológicos e econômicos que permeiam o fluxo de informações.

Por outro lado, a regulação das plataformas digitais deve se concentrar na forma como os algoritmos e modelos de negócios dessas empresas contribuem para a amplificação da desinformação. A lógica do capitalismo de vigilância, descrita por Zuboff (2019), revela que o engajamento contínuo dos usuários — e, conseqüentemente, o lucro gerado por isso — é priorizado em detrimento da integridade informacional. A monetização da desinformação se torna evidente à medida que conteúdos sensacionalistas e polarizadores geram mais engajamento e, assim, mais receita publicitária. Portanto, a luta contra a desinformação também passa pela reforma das estruturas de incentivo que atualmente sustentam o ecossistema digital.

Em suma, este artigo conclui que a desinformação, enquanto prática discursiva, não é um fenômeno isolado ou contingente, mas um mecanismo central na disputa pelo poder simbólico e pelo controle da narrativa social. Futuras pesquisas devem continuar a explorar as interseções entre desinformação, poder e tecnologia, investigando não apenas os mecanismos de disseminação de conteúdos manipulados, mas também as formas pelas quais essas narrativas são contestadas e resistidas em diferentes contextos sociais.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, R. P.; ROVIDA, M. Desinformação e propaganda: a tecnologia da desinformação da extrema-direita. **Anais do 18º Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura**, – Sorocaba: Uniso, 2024. Disponível em: <https://uniso.br/evento/epecom-2024/#item-9>. Acesso em: jan. 2025.
- CHARAUDEAU, P. **A manipulação da verdade**: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade. São Paulo: Contexto, 2022.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, P. **Le discours d'information médiatique**: la construction du miroir social, Paris: Nathan, 1997.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- D'ANCONA, M. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Faro Editorial, 2018.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London; New York: Routledge, 2003.
- FONTANA, M. Z. Pós-verdade e enunciação política: entre a mentira e o rumor. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. **Discurso e (pós) verdade**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021.
- JESUS-SILVA, T. H. A reconfiguração da hegemonia na era digital: o papel dos algoritmos no controle da informação. **Novos Olhares**, v. 13, n. 2, p. 137–149, 2025. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/230401>. Acesso em: jan. 2025.
- JESUS-SILVA, T. H. A desinformação como instrumento de dominação capitalista. **Interações: Sociedade e as novas modernidades**, [S. l.], n. 46, p. 9–27, 2024. Disponível em: <https://interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/580>. Acesso em: jan. 2025.
- JESUS-SILVA, T. H.; LIMA, N. C. Tecnologização do ambiente digital como facilitador da propagação da desinformação. **Esferas**, n. 29, 2024. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/14855>. Acesso em: jan. 2025.
- JOWETT, G. S.; O'DONNELL, V. **Propaganda & Persuasion**. Sage Publications, 2017.
- KEYES, R. **A era da pós-verdade**: desonestidade e enganação na vida contemporânea. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.
- MARTINS, H. A desinformação em meio à crise do capitalismo e à configuração de uma nova estrutura de mediação social. **Eco-Pós**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 330–352, 2024. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/28045](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28045). Acesso em: jan. 2025.
- QUESSADA, M. A agenda setting das fake news: uma análise da desinformação contra a esquerda brasileira à luz da ciência política. **Desenvolvimento Socioeconômico em Debate**, v. 8, n.1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/RDSD/article/view/7424>. Acesso em: mai. 2024.

QUESSADA, M. O discurso por trás das fake news: uma análise da desinformação propagada contra o Partido dos Trabalhadores (PT). **Estudos de Sociologia**, v. 28, n.1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/17296>. Acesso em: mai. 2024.

SANTOS JUNIOR, M. A.; NICHOLS, B. W. Modelos de financiamento da desinformação: uma análise da monetização de websites hiperpartidários de direita. **E-Compós**, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/3021>. Acesso em: set. 2024.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. 2. ed. 4ª reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

VAN DIJK, T. A. Discourse and manipulation. **Discourse & Society**, v. 17, n. 2, p. 359-383, 2006. Disponível em: <https://discourses.org/wp-content/uploads/2022/07/Teun-A.-van-Dijk-2006-Discourse-and-manipulation.pdf>. Acesso em: out. 2024.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. **Council of Europe Report**, 2017.

VAN DER LINDEN, S. **The psychology of misinformation**. Routledge, 2020.

ZUBOFF, S. **The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power**. New York: PublicAffairs, 2019.

## O AUTOR

### Thiago Henrique de Jesus-Silva

Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, sendo bolsista CAPES. Integrante do Laboratório de pesquisas em Economia, Tecnologia e Políticas de Comunicação (TELAS/UFC). E-mail: [contatothiagosilva@alu.ufc.br](mailto:contatothiagosilva@alu.ufc.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1515-3734>